ENSAIO

Rosângela Rennó¹**A Imagem Persistente²****Resumo**

A artista pretende apresentar um conjunto de trabalhos recentes, com ênfase nas séries Good Apples | Bad Apples (proposta para um documento-monumento) e Imagem Persistente. Nestes trabalhos Rosângela Rennó usa imagens obtidas na internet e fotografa objetos do cotidiano que de alguma maneira comentam a noção de dissolução da noção de arquivo em função da circulação das imagens, além de questionar o que ocorre, na contemporaneidade, com o valor documental da fotografia. A câmera fotográfica, em franco desaparecimento, leva junto a crença nas imagens fotográficas como documento; a circulação das imagens rompe com a cronografia, uma das grandes qualidades do modelo tradicional de arquivo.

Palavras-chave

Imagem. Fotografia. Arquivo. Aparelho. Internet. Documento. Monumento

Abstract

The artist intends to present a set of recent works, with emphasis on the Good Apples | Bad Apples (proposal for a monument document) and Persistent Image. In these works, Rosângela Rennó uses images obtained on the internet and photographs everyday objects that somehow comment on the notion of dissolution of the notion of archive due to the circulation of images, besides questioning what happens, in contemporary times, with the documentary value of photography. The rapidly disappearing photographic camera carries with it the belief in photographic images as a document; The circulation of images breaks with chronography, one of the great qualities of the traditional archival model.

Keywords

Image. Photography. Archive. Device. Internet. Document. Monument

1- Artista Independente

2- Ensaio visual enviado em:

17/jun/2019

Ensaio visual publicado em:

23/dez/2019

A Imagem Persistente (2019)

Já é sabido que a tecnologia digital afetou irreversivelmente a produção e a absorção das imagens. Fazer 'fotos' com câmeras digitais (e, pouco depois, com smartphones) tornou-se de tal maneira simples e barato que a proliferação das imagens atingiu cifras exponencialmente gigantescas. Dentro do caldeirão fervente da fotografia vernacular, quem a produz costuma dizer que, além do fator economia, há uma outra tremenda 'vantagem': livrar-se do incômodo do arquivamento de tudo aquilo que se relacionava com a materialidade da película e do papel fotográfico. Negativos? Álbuns? Nunca mais.

As câmeras digitais que a princípio imitavam o desenho das câmeras mecânicas foram se tornando cada vez mais delgadas e menores, até que se tornaram a mera objetiva do celular inteligente, reduzindo a operação fotográfica a uma simples função do aparelho, um mero dispositivo de comunicação. Os problemas com o arquivamento e organização do material fotográfico analógico foram substituídos pelos problemas inerentes à circulação das imagens, no momento em que o artefato digital encontrou-se com o destino para o qual nasceu: a *world wide web*.

Primeiro vimos a fotografia livrar-se da obrigatoriedade da sua reprodução em papel, fato que inclusive gerou polêmicas em como identificar essa nova imagem que nasce sem um corpo físico. Seria ainda uma fotografia? Deveríamos criar uma outra nomenclatura para o fenômeno? Independente do nome que fosse dado a essa imagem, ela emulava perfeitamente bem as imagens já conhecidas, além de serem infinitamente mais rápidas e eficientes: o apelo e a sedução eram inevitáveis e a desapareição do papel foi celebrada.

Hoje estamos assistindo ao desaparecimento da 'câmera amadora', o veículo responsável, por décadas, pela produção das fotografias de caráter não profissional. (É notório que até mesmo os profissionais têm simplificado seus equipamentos de trabalho, inclusive por questões de segurança.... Os jornais já não contratam mais fotógrafos; preferem que os próprios jornalistas fotografem seus assuntos e sujeitos com um smartphone...). Entretanto, parece que o ser humano ainda se apegava à imagem do aparelho fotográfico, não como algo nostálgico, mas como algo que possa lhe assegurar, ainda, a fé nas fotografias. Imagem e câmera nasceram juntas, tal qual irmãs gêmeas, pela própria natureza da imagem técnica. Um dia, talvez, a desapareição ou apagamento da imagem da câmera poderá afetar para sempre o reconhecimento ontológico da fotografia — a mais preciosa das imagens técnicas. Parafraseando o que Márcio Seligmann-Silva escreveu sobre a desapareição das fotografias em papel há mais de uma década: é como se, diante de seu fim, a imagem da câmera se tornasse ainda mais eloquente como uma metáfora ambígua de nossa memória que é, sempre, inscrição de presença e de apagamento.

Se os celulares de hoje são as câmeras de ontem, as câmeras de hoje não precisam mais fotografar nada. Elas servem, porém, como ilustração ou como signo; e estão por todos os lados. A parafernália da fotografia mecânica — câmeras, tripés, lentes, fotômetros, projetores, ampliadores — subsiste representada em pen-drives, isqueiros, brinquedos infantis, camisetas, canecos de cerveja, luminárias, porta-retratos, carteiras de dinheiro. São como uma febre: mais do que objetos insistentes, são artefatos inocentes cuja finalidade é fazer com que a lembrança da imagem da câmera persista. A sua função está perdida (para sempre?), mas ainda conseguem acalmar a angústia do homem comum.

Rosângela Rennó, jan 2019

Good Apples | Bad Apples

[proposta para um documento-monumento]

Projetos e palavras-chave importantes: *Looking for Lenin. Lenining. Goodbye, Lenin! Euromaidan. Leninopad. Lenin on Tour. Chasing Lenin. Harvesting the weeds. Lenin is still around. Lenin Lived, Lenin Lives and Lenin Will Live!*

Observações a partir do ato de colecionar fotos de estátuas de Lenin, encontradas na internet.

- Pessoas se fazem fotografar diante dos monumentos, como reais admiradores ou apenas como turistas, documentando sua passagem pelos locais de sua preferência, que podem ser locais de história ou de memória. Até pouco tempo atrás o destino desse documento era, em geral, o álbum. Solenidades públicas nesses locais, quando documentadas, eram assunto de arquivo. Hoje, para além dos limites da nuvem e da internet, não é possível afirmar muita coisa.

- Pessoas ainda compram cartões postais de locais turísticos e continuam revendendo esses mesmos cartões, com ou sem uso. Os monumentos persistem como tema preferencial.

- Pessoas assistem e documentam os eventos de derrubada e subsequente destruição (ou não...) dos monumentos, inclusive na 'calada da noite'. Os desmanches oficiais dos monumentos, com data e hora marcadas, também são amplamente documentados.

- Pessoas guardam e documentam restos de monumentos por motivos variados, da admiração ao ódio. Demonstrações de iconoclastia são claras nas fotografias: mutilações, escárnio, pichações.

- São igualmente comuns os casos em que partes, ou monumentos inteiros,

ganham novo significado histórico, seja na paisagem, seja no museu. Na paisagem, os monumentos podem mudar de endereço: a finalidade dessa ação é desvinculá-los dos locais de memória. Mesmo assim, pessoas desenvolvem algum 'novo' afeto por eles: renovam a pintura, os vestem e maquiagem, fazem selfies curiosas. Alguns monumentos são posteriormente levados a museus ou memoriais e dessa maneira mudam de categoria: se transformam em relíquia histórica. Isso também se torna alvo de documentação, oficial ou não.

- Pessoas perseguem e documentam o caminho percorrido pelos monumentos desentronizados, não importando se estão em sua compleição perfeita ou se restaram apenas partes. O importante é documentar o destino final do monumento ou o que dele restou.

- Pessoas documentam a primeira locação do monumento, independente do fato de algo do monumento original ter restado ali. Compartilham a ausência do monumento. Se há algum resquício do monumento, tanto melhor. Quando não há, um texto informativo ancora a documentação fotográfica. Podem, também, documentar a modificação, paulatina ou definitiva, dessa locação. Compartilhar o processo de apagamento do monumento parece ser a grande motivação.

- Pessoas perseguem e documentam os monumentos que não foram vandalizados. Mesmo os que estão oficialmente protegidos podem ser vistos como decadentes, sofrendo com a negligência e/ou simples abandono pelo aparato do estado.
- Pessoas negociam, adotam, compram e atribuem novas funções aos monumentos para documentar e compartilhar as recontextualizações executadas, não importando qual seja a finalidade.
- Pessoas reúnem em documentos o histórico completo desses monumentos, recuperando dados e fotografias que terminam por se tornarem 'históricas'. A intenção parece ser o re/conhecimento e compartilhamento do percurso dos monumentos mas a motivação é bastante variada.
- É possível reunir todos os documentos, devidamente impressos, em um único álbum.
A finalidade é, acima de tudo, fazer dele um 'documento-monumento', ou um 'monumento-documento', dependendo do ponto de vista.

ENSAIO**Rosângela Rennó**

Artista vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formou-se em Artes Plásticas pela Escola Guignard e em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais. É doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Sua obra é marcada por apropriação de imagens descartadas, encontradas em mercados de pulgas e feiras, e pela investigação das relações entre memória e esquecimento. Em suas fotografias, objetos, vídeos ou instalações, trabalha com álbuns de família e imagens obtidas em arquivos públicos ou privados. Dedicar-se também à criação de livros autorais.

Visual artist lives and works in Rio de Janeiro. Graduated in Fine Arts from the Guignard School and in Architecture from the Federal University of Minas Gerais. PhD in Arts from USP School of Communications and Arts. Your work is marked by appropriation of discarded images found in flea and fair markets, and by investigating the relationship between memory and forgetting. In your photographs, objects, videos or installations, works with family albums and images obtained from public archives or private. She is also dedicated to the creation of authorial books

Como citar: RENNÓ, Rosângela. A Imagem Persistente.

Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre:

PPGAV-UFRGS, nov-dez, 2019; V 24; N.42 e-98285

e-ISSN 2179-8001.

DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.98285>